

MÃE CATIVA¹

Lavínia Magalhães



[8]² — Bem, far-te-ei a vontade. Tu sabes que sempre a faço, embora me arrependa depois. Nesse caso, sempre me opus a que essa pequena tivesse uma educação acima do seu meio. Por que fazer de uma escrava quase uma senhora? Seria melhor que a tivesse deixado na senzala, e quiseste trazê-la para casa; que nunca saísse daqui, e levamo-la à cidade; que continuasse ignorante e rude, e fizeste-a instruída; que seus olhos nunca contemplassem outros horizontes senão os que sempre fitaram os seus pais. Mas, a pretexto de preparar para tua filha uma criada ótima, desnivelaste-a, fizeste dela um ser intermediário. Teu orgulho de casta faz-te estremecer quando, por esquecimento, por velho hábito, chama pelo nome a tua filha ou a um dos teus filhos; então, a castigas cruelmente, mas não te lembras que, por ordem tua, nunca teve outros companheiros senão estes para quem agora exiges todo o respeito que antes deixavas de lado. Pretendes obrigá-la a viver com os negros, a comprazer-se com os de sua raça. Mas pela educação, pelo sangue branco que lhe corre nas veias, não

¹ MAGALHÃES, Lavínia. Mãe cativa. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 1.433, p. 8-9, 1 mar. 1930.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

compreendes que esta mestiça não pode mais se achar bem no meio da negrada boçal e inculta que lhe queres impor? Exiges dela trabalhos pesados e esqueces que essas mãos tão finas, foste tu mesma que as exigiste assim, porque os dedos que destinavas à fabricação de rendas e finos labores não deveriam ser engrossados e endurecidos no serviço grosseiro do campo. Depois, quando se quis casar, quiseste [9] que escolhesse um dos nossos escravos. Mas o seu coração tinha falado e ela, quase branca, amou um branco, um forasteiro, um estranho sem pátria, mas um homem de tua cor e de tua raça. E teu egoísmo feroz revoltou-se e, quando este homem tentou falar-nos, recusaste, fizeste expulsá-lo pelos teus criados. Mas não evitaste maior mal, minha amiga, e logo após nascia essa criança sobre quem transportaste toda a tua ira. Desde então, a mucama de estimação passou a ser o rebotalho, o bode expiatório de toda a fazenda. Felizmente, pude às vezes protegê-la. Mas tenho lutado tanto, e estou cansado que consentirei nesta baixaza. Vai. Vende esta criança que detestas. Martiriza até o fim a pobre criatura que teu ódio injusto persegue. Far-te-ei a vontade. Tu sabes que sempre a faço...



— Dorme, meu pequenino, dorme... tua mãe vela por ti... Não temas. Nada nos separará: não te arrebatarão dos meus braços. Nunca farão a ti o que fizeram a mim... Dorme... Saberei proteger-te, meu menino, meu filhinho inocente, cujo único crime foi ter nascido de mim... Ah! mas como me vingarei! Deixa estar... Querem vender-te, pobre criança, porque eu te quero, porque és tudo para mim... Roubaram-te tudo, pequeno, desde que

nasceste: meu leite, que tua boquinha sôfrega pedia aos gritos, obrigaram-me a dá-lo ao filho de Sinhazinha, que, por desídia, por indolência, recusava o peito ao filho. Sem a compaixão das outras escravas, teria morrido de fome... Era o que esperava o ódio de Sinhá...

“Depois, davam-me os trabalhos mais fatigantes, os mais penosos, e de longe faziam-te chorar, para bater-me, ferozmente, para espancar-me até o sangue, quando acudia como louca aos teus gritos... Há quase três anos que assim sofro por ti, meu querido. Mas tinha-te, apertava-te em meus braços, em meus pobres braços marcados e feridos pelas correias... Tu sorrias para mim com teus dentinhos brancos, estendias para mim teus bracinhos roliços, morenos e frescos, sacudindo os anéis negros de tua cabeleira... E eu era feliz... Sentia-me paga por tudo o que sofrera e bem-dizia Deus, que me tinha dado o meu tesouro...

“Um dia, morreu o filho de Sinhazinha. E essa menina fria, sem alma e sem coração, que tinha recusado à criança seu leite e seu carinho, começou a odiar-me como a mãe. Como? A criança branca, de raça superior e de sangue nobre, a criança cuidada, vigiada, era fraca, doentia, morria, e o filho da escrava, forte, bonito e cheio de vida, continuava a encher o terreiro com seus gritos de alegria? Foi então que germinou no cérebro maldito de ambas o projeto terrível. Aquela criança risonha e alegre, o único bem de uma pobre criatura tão infeliz, aquele filho de escrava ousava viver, enquanto a criança rica dormia para sempre em seu caixãozinho branco, precisava ser punido: punido por viver, por ser alegre, por ter saúde, pelo rir álaçre... Um comprador de negros que aparecesse, e vendê-lo-iam...

“Quando, há dias, por cá chegou aquele homem, quando o vi conversar com Sinhazinha, quando, em seguida, acompanhava com os olhos os teus

jogos, um pressentimento, uma dor profunda, torceu-me o coração... Tive medo de compreender, mas não ousei imaginar tanta maldade, tamanha infâmia... Mas bem-digo a Deus, que me avisou que fez com que pela porta entreaberta eu ouvisse uma conversa. Sim, meu menino, vão vender-te, vão separar-te de mim... Vão fazer de ti um desgraçado, mais um... Mas tua mãe vela, pequenino, dorme, não tenhas medo. Tenho-te bem junto a mim, querido. Meu corpo te protege, meus braços te circundam, meu calor te aquece, e minha pobre boca tão triste, de onde só podem sair soluços, encontra ainda forças para cantar, para embalar-te e para sorrir...

“Descansa... Fecha teus olhinhos, teus meigos olhinhos tão negros, tão doces e tão puros... Não, não os feche já: olha mais uma vez para tua mãe, para tua pobre mãe tão desgraçada que, por um momento, bem-disse a instrução que teve. Por um instante, foi feliz em saber ler... Venham buscar-te, e eu te entregarei. Para que lutar? Para quê? São fortes, poderosos, são os senhores... Nós, pobres miseráveis, pobre raça maldita, abandonada do próprio Deus... Para que lutar, para quê?

“Tu não serás escravo. Não farás parte deste rebanho, mais que animal, menos que gente. Eu te defenderei. Juro.

“Ah! pensaram em privar-me de ti! Está bem. Que fazer? Eles mandam... Mas nem eu, nem eles... Há muito, sabes, que eu tinha guardado aquele vidrinho. Encontrei-o um dia, por acaso, no fundo de um armário. Escondi-o: no dia em que sofresse muito, em que fosse muito maltratada, um bom trago do conteúdo... e pronto... Mas tinha-te a ti e não sofria nada. Tu eras meu, e eu era feliz. Não invejava nada, não desejava nada. Mas hoje que vais embora, logo, quando não fores mais meu, que me restará? A saudade, a imensa saudade, a infinita saudade... Ficarei tão só, meu anjo...

tão desolada... Mas tu estarás feliz. Não serás escravo. Teus bracinhos macios, roliços, não serão retalhados a chicote... Tuas costas não serão marcadas a fogo... Teus rins não se dobrarão ao peso de rudes e esfalfantes trabalhos... Eu te defenderei.



“Dorme... Em tua mamadeira havia todo o líquido do vidro. Nem isso me resta mais: dei-te tudo o que tinha. Não temas. O láudano não te fará sofrer... Adormecerás de mansinho, sorrindo, a sonhar com os anjos e com eles despertarás, lá em cima, onde não há castas, onde não há brancos nem negros, onde todos são iguais... Ah! dormes, já adormeceste... Já se fecharam, pela última vez, teus olhinhos meigos, teus olhinhos bons que tua mãe adora e que nunca mais há de ver... Por entre teus lábios, perfumados e frescos como uma flor polpuda, entreabertos num último sorriso, teus dentinhos brancos brilham, claros, iguais, como pedrinhas preciosas... Tua cabecinha anelada pesa mais no meu braço... Teus pezinhos estão ficando frios, frios como a noite... Dorme... Tua mãe cantará até o fim... Não temas, não te abandonarei. Eles não te venderão: tu nunca serás escravo...”



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras



Tênebra

tenebra.org